![Logo_IFRN_-_Campus_Central_Natal[1]]()**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do RN**

**Diretoria de Educação e Ciência – DIAC**

**Disciplina: Língua Portuguesa**

**Curso: Tecnologia em Redes de Computadores**

**Turma: 20121.1.01415.1V**

**Ano letivo: 2012.1 – Carga-horária: 60h/a**

**Prof. Dr. Florêncio Caldas de Oliveira**

**Sequência argumentativa**

**Exercício**

Leia o texto reproduzido a seguir e responda ao que se pede:

**Subsídios para trabalhar com poesia em sala de aula**

***Mirian Mermelstein*\***

|  |
| --- |
| A autora fala das dificuldades em trabalhar com poesia em sala de aula e chama a atenção para a importância de resgatar o sentido que a poesia possuía na antiguidade, quando cumpria múltiplas funções como ritual, entretenimento, enigma, profecia, filosofia e competição. “É na atividade criativa com a língua que a criança constrói formas originais de ver o mundo (...) O aluno entra em contato com os recursos estilísticos da poesia para reconhecer, interpretar e criar”. |

*“A poiesis é uma função lúdica... Ela está para além da seriedade, naquele plano mais primitivo e originário a que pertencem a criança, o animal, o selvagem e o visionário, na região do sonho, do encantamento, do êxtase, do riso.”*

(Johan Huizinga)

Poesia virou mito em nossas salas de aula. De modo geral, observamos resistências na escola em ler, interpretar, criar e recriar poemas. Poesia nos remete ao passado, coisa de nossos avós que declamavam para as visitas ou recitavam versos nas aulas de língua portuguesa.

A poesia reclama seu espaço e sua vez nesse planeta conturbado. Várias são as iniciativas de professores que recuperaram o prazer da leitura poética, a degustação de palavras combinadas, a viagem na fantasia das imagens, o fôlego da mesmice. Relatos publicados em sites e revistas de educação e os programas de cursos para professores provam que é possível romper o preconceito de que é difícil trabalhar com poesia.

“Poiesis”, palavra grega, significa “produzir, fazer,” criar uma realidade diferente da histórica e factual. A poesia na antiguidade era ritual, entretenimento, enigma, profecia, filosofia, competição. O poeta era concebido como um sábio e a função do poema era social, educar e guiar uma prática. Na Índia e Grécia antigas e no Império Romano, vários documentos, hinos, contratos e provérbios eram escritos em versos, em parte pela facilidade de memorização.

Para Johan Huizinga, no capítulo – “O jogo e a poesia”, em “Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura”, (Editora Perspectiva, 1980): “todo poema tem origem no jogo: jogo do culto, da corte amorosa, jogo marcial da competição, jogo do humor. Segundo o autor, tudo que transcende a esfera do juízo lógico e deliberativo é lúdico”.

Há basicamente três tipos de poemas: **Lírico** – ritmo, musicalidade, brevidade e intensidade. “Eu lírico” é voz central. Ligado à música em sua raiz. **Drama** – baseado em diálogos, monólogos e conflitos interiores e sociais. Ligado ao teatro. **Épico** – o narrador apresenta personagens envolvidos em situações de uma história, uma batalha, um evento.

A experiência linguística começa com o nascimento, quando os primeiros sons e acordes são ouvidos. O som, primariamente, extrapola o significado nas parlendas, canções de ninar, poemas. Em seu cotidiano, a criança vive a poesia através das brincadeiras, da invenção de rimas, dos trava-línguas, músicas, etc. É na atividade criativa com a língua que a criança constrói formas originais de ver o mundo.

As palavras na poesia têm muitos sentidos que variam de época, lugar, posição dela no poema, etc (ex: para Camões a palavra “gentil” é nobre e altiva, hoje ela tem outro significado).

Poesia tem alto poder de síntese, fala nas entrelinhas.

A poesia em Língua Portuguesa começa no fim do século XII, de cunho confessional, lírica chamada cantiga de amigo, de amor e de escárnio (as poesias eram cantadas). Os poetas usavam muito o recurso do exagero, da fatalidade (hipérbole) para responder a questão existencial: “Quem sou eu?”.

Até o fim do século XVIII (**Classicismo**) a poesia continua sendo expressa “segundo a crença corrente de que o homem, em geral, é um ser superior, senhor absoluto da natureza, da ciência e da arte. São justamente essas as características básicas do Classicismo, que prega o controle das emoções pela razão” (Carlos Felipe Moisés, in: “Poesia não é difícil”, Editora Artes e Ofícios, 1996).

Depois vem a **revolução Romântica**, século XIX, quando as emoções podem ser extravasadas de todas as formas: “o desespero, a aflição, a instabilidade, a sensação se desamparo absoluto, que leva a maioria dos seus poetas a afirmar que preferem a morte”. (idem). O autoconhecimento é emocional, pessoal.

Na **poesia Moderna**, não se tem certeza de nada. ”O autoconhecimento é uma espécie de aventura, um mergulho no desconhecido. O homem moderno tem consciência aguda do relativismo de todas as coisas. “(idem)

“Eu sou eu mais a minha circunstância.” (Ortega y Gasset – filósofo espanhol).

Os traços de vida cotidiana que caracterizam a escola modernista têm origem em poucos poetas nas cantigas medievais de escárnio ou maldizer (Gregório de Matos-1633-1696 e Bocage-1765 -1805) ao lado de cantigas de amor e de amigo. Nos séculos XVII e XVIII, o sensualismo e erotismo só aparecem nos gêneros considerados “menores” (sátira, burlesco) e o bom gosto do salão exigia poesia lírica com pudor e idealização. “No Romantismo tem início a liberação... atenuam o rigor das restrições morais e literárias dando vazão ao sensualismo...” (Idem).

No século XX, que assiste ao desenvolvimento urbano e industrial, a poesia moderna fixa atenção “na paisagem formada pelos objetos familiares e pela vida cotidiana” (idem).

A “arte pela arte” predomina no Romantismo, arte como um fim em si. (parnasianos e simbolistas). No início do século XX ressurge a “arte útil” graças a Jean-Paul Sartre (1905-1980), arte engajada. Troca-se o ingênuo romântico pela inocência vista como uma volta à pureza da infância (Charles Baudelaire – 1821-1867). Para esse escritor “a poesia é a infância reencontrada”.

Poesia entra no mundo infantil como jogo, enfatiza Huizinga (idem). É jogo verbal em uma construção sutil de frases que permite a exploração de múltiplos significados, de recriação sonora e semântica, de adivinhações, de deslocamentos de pensamento e ação, etc. Esses jogos tornam-se mais complexos e as regras sendo introduzidas para garantir resultados mais elaborados. O aluno entra em contato com os recursos estilísticos da poesia para reconhecer, interpretar e criar.

Como diz José Paulo Paes, em “Poesia para crianças – Um depoimento”, (Editora Giordano,1996) – “a poesia tende a chamar a atenção da criança para as surpresas que podem estar escondidas na língua que ela fala todos os dias sem se dar conta delas”. Ou então, Jerome Rothemberg: “a poesia imita o pensamento ou ação. Ela propõe seu próprio deslocamento. Permite a vulnerabilidade e o conflito aberta à mudança, a uma troca de ideias. O que é linguagem. O que é realidade. O que é experiência”.

T.S.Eliot, em “De poetas e de poetas” (Editora Brasiliense, 1991), se refere às funções da poesia: “comunicar uma nova experiência, nova compreensão do que é familiar ou expressão de algo que experimentamos e para o que não temos palavras”.

Na prática, porém, ouvimos com frequência as seguintes questões: como despertar o prazer pela leitura de poesia? Como ensinar poesia? Como fazer os alunos lerem e escreverem poesia?

Segundo Ligia M. Averbuck, em “Leitura em crise na escola”, (org. Regina Zilberman, Editora Mercado Aberto, 1984): ”mais do que ‘ensinar poesia’, caberia antes, discutir o termo ‘ensinar’. O caminho seria o de criar uma ‘impregnação’ ou de uma ‘sensibilização’, ‘aproximação’, ou ‘leitura’, do que propriamente de ‘ensino’.[...] “Na criança, tanto o desenvolvimento da personalidade e da sensibilidade quanto a expansão do real pela poesia, e pela arte em geral, se dão por meio do fluxo da fantasia, por sua percepção particular do mundo”.

Enquanto no adulto o que supre a suplência da percepção é o conhecimento prévio, na criança o que substitui a imperfeição do conhecimento é a imaginação (idem).

Poesia pode ser definida como “a ordenação rítmica ou simétrica da linguagem, a acentuação eficaz pela rima ou pela assonância, o disfarce deliberado do sentido, a construção sutil e artificial das frases”. (Huizinga, 1980).

Abrir um livro de poemas e começar a ler com frequência para o colega na sala dos professores, para o(a) filho(a), sobrinho(a), namorado(a), marido, mãe, etc, pode ser uma forma prazerosa de preparar o trabalho com a poesia em sala de aula.

Tenho certeza que uma porta se abrirá e o caminho para chegar no aluno e partilhar com ele da beleza da poesia acontecerá.

*\*Miriam Mermelstein é pedagoga e autora de obras de Literatura Infantil, tendo ministrado as oficinas “A poesia em sala de aula” e “Abraçando a palavra” no CRE Mario Covas, durante o 1º semestre de 2004.*

Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/lei_a.php?t=020#artigo>

1. Por meio de chaves, indique, no texto, as fases da sequência argumentativa presentes e sua organização estrutural: premissas; argumentos; contra-argumentos; conclusão.